

PANORAMA DO MODERNO ROMANCE BRASILEIRO

O Dia – 20 de outubro de 1937.

O mundo moderno perdeu precisamente o equilíbrio quando pensou conquistá-lo por intermédio do espírito.

O romance atual, interpretando o sentir do tempo presente, não ficou alheio a essa crise de desespero.

A poesia, ao contrário, embarafustou-se pela metafísica, perdendo todo senso do real e degenerando em anarquia.

Parece haver, em nosso tempo, atingido o romance sua plenitude. Enquanto a poesia, tentando narrar um profundo sentimento interior, não tem oferecido senão alguns poemas realmente expressivos, obras efêmeras de deslumbramento egocêntrico.

É fácil de observar que o romance atingiu ao seu máximo, com mais ambiente, mais atmosfera respirável, maior penetração, dentro do homem, fora do mundo ou dentro do quadro limitado da natureza.

A poesia, que era a liberdade, hoje é a prisão em nossa tortura, encarceramento em nossa angústia, irradiação natural de nossa inquietude.

O romance não tem fronteiras. A própria poesia está no romance, no arrojo das introspecções, na intensidade da existência, no choque de valores, na transição

de panoramas, no conflito econômico de interesses díspares, na reação política, no extra e no sobrenatural.

Por isso, seria perigoso tentar o elogio do romance. Principalmente na literatura brasileira, onde as tendências são as mais variadas e as orientações no muito das vezes extremamente perigosas.

Seria o momento de fazermos justiça ao sr. Octávio de Faria. De uma estirpe intelectual notável, que, sobretudo em França, vem dando escritores da têmpera de um Marcel Arland, Drieu La Rochele, Daniel Rops, Joseph Peyre e Charles du Dog. “Mundos Mortos”, se não é um grande romance pela perfeição da técnica, o é pelo menos como um documentário vivido esplêndido, rebelde, anárquico, inquieto, flutuando em infiltração permanente de fé, de ardor religioso. Os mesmos defeitos de Daniel Rops. As mesmas indecisões de François Mauriac.

Dos paisagistas, entre aqueles que procuram aqui fora os elementos de construção poética, o sr. Jorge Amado está no primeiro plano, na vanguarda. Esse não é da linhagem dos Rougemont ou dos Drieu La Rochele, mas dos Michael Gold e Upton Sinclair. “Jubiabá” é alguma coisa de novo. “Capitães da Areia” tem um defeito, repete muito fato de “Mar Morto”, cujo desenrolar foi para mim uma grande surpresa. Tenho “Mar Morto” como uma grande revelação literária.

Dizem que o sr. Jorge de Lima é poeta. Não creio, é um romancista de motivos poéticos. Nunca fez poesia pura. “Essa Negra Fulô” é quase entrecho de romance. O “Anjo” e “Calunga” não desmentem. Ali tudo é poesia.

O sr. José Américo de Almeida, à medida que a gente vai lendo, menos material poético vai encontrando. É um homem bastante preocupado com a construção literária, com as frases de efeito, como aquele Noel Coward lá da Inglaterra. Pouco inspirado, procura nos acontecimentos cotidianos o que escrever. Com um pouco de imaginação, tornar-se-ia, com as devidas restrições, um homem de teatro como o britânico Coward.

O sr. Plínio Salgado representa um ideal político. Cheio de poesia, de motivos poéticos, de forte têmpera de romancista, tudo sacrifica pela idéia, pelos imprevistos da campanha doutrinária a que se aventurou.

Os srs. Amando Fontes e Graciliano Ramos, bem como a sra. Rachel de Queiroz, fazem novela de família. Lembram um trabalho ultimamente publicado de Georges Duhamel, em que o escritor francês mostra os elementos familiares novelescos abundantes, valiosos, para a elaboração de interessantes obras de ficção. Em “Corumbas” e “Angústia” é o que se vê. “Caminho de Pedras” já faz da sra. Rachel de Queiroz uma ficcionista diferente. “O Quinze” e “João Miguel” revelam ambientes restritos, de família, bem mais largos, devido à tragédia que envolve aos personagens principais, que os livros dos srs. Amando Fontes e Graciliano Ramos. O sr. Érico Veríssimo, fora os vislumbres que apresenta de uma prosa mais livre, é também apegado às coisas de família. “Caminhos Cruzados” são pequenas tragédias íntimas, sem importância, vulgares até certo ponto. “Clarissa” é outra história leve que recorda muitos livrinhos passadistas de Bourget e “Helena”, de Machado de Assis, toda aquela literatura feminilizada de Henri Ardel.

O sr. Lúcio Cardoso não sabe o que fazer com os seus personagens. Ainda é um escritor bastante indeciso com o destino de sua obra. É o espírito de mais aguda penetração entre os nossos ficcionistas de talento. Outro arguto penetrador de almas é o sr. José Geraldo Vieira. Apesar de não ser brasileiro, “Território Humano” é romance bem nosso. “Sob o Olhar Malicioso dos Trópicos” pertence a esse tipo de romance. O sr. Barreto Filho é o insatisfeito titubeando entre a angelitude e a animalidade. É o romance mais tenso que possuímos, esse do sr. Barreto Filho, de profundas análises interiores.

O sr. José Lins do Rego é o romancista autêntico. “Pureza” revelou-o um compreendedor de vidas medíocres. Para mim, falando com franqueza, prefiro esse romance do sr. Lins do Rego a todas as aventuras do doentio Carlos de Mello. O “ciclo da cana”, com “Banguê”, valeu pela revelação histórica íntima que nos trouxe em tão boa hora, quando pareciam escassos os motivos romanceáveis.

Os srs. Marques Rebelo, João Alphonsus, Ernani Fornari e Orígenes Lessa não passam de excelentes contistas. “O Joquete”, então, é um conto ampliado de maiores proporções. “Marafa” possui alguns aspectos de romance, aliás interessantes. A instantaneidade do sr. João Alphonsus prejudica muito o bom fazedor de romances.

O sr. Eduardo Freire é uma novidade. “Cabo das Tormentas” apresenta um romancista desleixado com a técnica mas um romance puro. O sr Dionello Machado é outra novidade. Os “Ratos” mais parece uma blague. Outra novidade é o sr. Cornélio Pena. “Fronteira” agrada de início porque é um panorama. Nada de restrições, sem medida, os marcos são os morais, os do espírito. É um romance livre, apesar do nome evidenciar sujeição a certos limites.

O sr. Gastão Cruls é o romancista mais simples que possuímos. Um homem de poucas palavras. “Vertigem” é livro para todas as mãos. Ao contrário do sr. Cruls, o sr. Matheus de Albuquerque é um complicado sentimental. O sr. Mario Sette faz do seu Recife o seu mundo, é um cronista das coisas da terra natal.

O sr. Abguar Bastos merece relevo especial. Não que seja um grande romancista. Sim, pela originalidade do tema. É o primeiro a tratar da castanha. “Safra”, apesar de cansativo, de dialogações doutrinárias entre homens rústicos, é um romance cinematográfico de aspectos tão variados que chega a prender o leitor.

O mais difícil é situar a sra. Lúcia Miguel Pereira. “Em Surdina” teve o mérito de estudar de perto vidas desencontradas. Prefiro a sra. Lúcia como ensaísta. Outra que aí vem é a sra. Ignez Mariz. Espírito próprio mas bem falho de imaginação. Não sei bem se “Barragem” é conto ou romance. Como romance, está cheio de defeitos. Como conto, não atrai devido à extensão do tema. O certo é que a autora sabe dissertar com facilidade e muitas vezes com arrojo.

Os srs. João Cordeiro e Clóvis Amorim ainda estão nessa fase intermediária entre o conto e o romance. Não são novelistas porque “Corja” e “Alambique” nada têm de novelesco. São dissertadores de casos, contadores de coisas. O mesmo acontece com o sr. Luiz Martins. Com a vantagem de que o sr. Luiz Martins chega a fazer dos seus personagens figuras de romance.

O último surgido é o sr. Nélio Reis. Observador de talento, consegue em “Subúrbio” criar tipos à maneira do sr. Luiz Martins, tipos verdadeiros de romance.

Poderíamos ainda citar muitos outros, como os srs. Menotti del Picchia, Paulo Setúbal, Viriato Correa, Alberto Rangel, etc. Os srs. Menotti e Viriato fizeram do romance uma zona de refúgio: um é poeta e outro teatrólogo.

Como romancista histórico, o de maior brilho foi o euclidiano Alberto Rangel. O sr. Paulo Setúbal, o mais inteligente, tomou de temas que impressionaram e continuam a fazer época. O romance, para os srs. Alberto Rangel e Paulo Setúbal, não foram mais que pretextos.